VII EPCC
Encontro Internacional de Produção Científica
25 a 28 de Outubro de 2011
ISBN 978-85-8084-055-1

ESTRESSE OCUPACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM EM UMA UNIDADE DE TERAPIA INTENSIVA

Cristiane Luchtenberg[1]*; Rosangela Costa*[1]*; Willian Augusto de Melo*[2]

RESUMO: O estresse ocupacional, o qual se defronta o trabalhador moderno se destaca como de especial importância principalmente em algumas profissões como, por exemplo, a enfermagem. Estudo de natureza quantitativa cujos objetivos foram avaliar o estresse, conhecer o perfil e identificar os fatores de estresse dos profissionais da UTI de um hospital privado da região noroeste do Paraná. O instrumento de coleta de dados foi composto por duas partes, a primeira relacionada à caracterização dos profissionais, contendo dados sócio-demográficos. E a segunda etapa contendo a versão para o português da Job Stress Scale (JSS), elaborada originalmente na Suécia traduzida para a avaliação do estresse ocupacional. Em relação às características sócio-demográficas, foi observado que, na categoria de maior exposição, se encontravam trabalhadores do sexo feminino, faixa etária de 30 anos, sem filhos, solteiras e possui um vínculo empregatício. A pesquisa realizada mostrou que com relação à dimensão demanda como tempo e velocidade para desenvolver as atividades o estresse esta presente na atuação dos profissionais. Apresentando alta exigência do trabalho como foi relatado: trabalhar intensamente, alta cobrança e atividades monótonas e que pode ocasionar problemas de saúde físicos e mentais repercutindo na assistência proporcionada ao paciente. Apesar dos profissionais conviver com estresse, trabalhar intensamente e realizar sempre as mesmas tarefas prevalece entre eles um bom relacionamento e uma boa interação com a equipe. O que reflete intensamente na satisfação e entusiasmo para realizar seu trabalho e atender as necessidades do paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem; Estresse ocupacional; Unidade de terapia intensiva.

1 INTRODUÇÃO

O estresse ocupacional, o qual se defronta o trabalhador moderno, se destaca como de especial importância, principalmente em algumas profissões como, por exemplo, a enfermagem. Embora seja fenômeno freqüentemente relacionado entre os enfermeiros para caracterizar a profissão, na prática há falta de instrumentos sistematizados para avaliar a problemática (FERRAREZE, 2006).

O aspecto emocional pode vir a interferir no cotidiano das pessoas, prejudicando-as dependendo do estágio, como no caso do estresse e, muitas vezes, tornando-as alheias a seus próprios sentimentos (SCHMIDT, 2009).

A reação do organismo ao estresse visa sua proteção, preparando-o para o enfrentamento ou fuga da situação ameaçadora. Macedo (2007) considera maior vitalidade e melhor funcionamento físico e social nos grupos classificados como

[1] Acadêmicas do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, Maringá – Paraná. cristianeluchtenberg@hotmail.com, rosangela_costa1986@hotmail.com
[2] Orientador, Professor Mestre do Curso de Enfermagem do Centro Universitário de Maringá – CESUMAR. willian.melo@cesumar.br

desempenhando atividades com menores níveis de estresse, quando comparadas com grupo com tarefas de alta exigência.

Segundo Bardin (2008) a ansiedade e sentimentos profundos intensos enfrentados na rotina do profissional de saúde e a responsabilidade de assumir cuidados recaem de forma contundente no trabalhador de enfermagem que deve promover de atenção contínua, durante as vinte quatro horas do dia, após dia, até o desfecho esperado, que vai da cura até a morte.

Considerando que a enfermagem trata essencialmente de relações humanas, as situações de trabalho são comumente remetidas à vida do individuo trabalhador, seus medos, seus anseios e à suas experiências pessoais anteriores. Por isso a maneira como cada um absorve e enfrenta as situações define o surgimento ou não do estresse ocupacional no ambiente de trabalho, podendo refletir diretamente na sua atuação profissional (BIANCHI, 2006).

Segundo Santos, Oliveira e Moreira (2006), o enfermeiro se depara com vários estressores em uma Unidade Terapia Intensiva (UTI) como o excesso de trabalho, contato constante com o sofrimento do outro, complexidade de tarefas e imprevisibilidade do estado geral dos pacientes, levando os profissionais de enfermagem a desenvolverem alterações fisiológicas, emocionais, cognitivas ou comportamentais.

Os enfermeiros assumem atividades mais complexas e são responsáveis por toda a equipe de enfermagem. Por isso, na maioria das vezes, exigem muito de si mesmos na tentativa de ter controle absoluto sobre o trabalho, e possuem temor pelas conseqüências de uma atitude desatenta (FERRAREZE; FERREIRA; CARVALHO, 2006).

2 MATERIAL E MÉTODOS

Tratou-se de um estudo descritivo exploratório de natureza quantitativa. Os sujeitos participantes deste estudo foram representados por 37 profissionais da equipe de enfermagem. Os critérios de seleção foram de acordo com os seguintes itens de inclusão: serem da categoria profissional de técnicos de enfermagem e enfermeiros e estarem atuando na UTI no momento da pesquisa, nos períodos matutino, vespertino e noturno de um hospital privado da região noroeste do Paraná.

O local escolhido para a coleta de dados foi uma UTI de um hospital privado da região Noroeste do Paraná composta por 24 leitos para pacientes adultos, sendo dividida em duas partes: a primeira parte com 12 leitos para atendimento dos pacientes da rede privada de saúde e a segunda parte com 12 leitos também para atendimento dos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS).

A coleta de dados ocorreu no período de maio a junho de 2010 após autorização do coordenador da enfermagem, direção clínica daquele hospital e aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Maringá (CESUMAR) obedecendo às diretrizes e preceitos éticos da resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CONEP) sob processo n° 158/2010.

No momento da distribuição dos instrumentos aos profissionais de enfermagem, foi realizada uma explanação sobre o estudo, destacando os objetivos, a garantia de segurança quanto à preservação da identidade dos sujeitos e orientação para a devolução dos instrumentos devidamente preenchidos à pesquisadora. Para coleta de dados foi agendado um horário com a enfermeira chefe de cada turno, (matutino, vespertino e noturno) da UTI para a disponibilização dos profissionais de enfermagem. O instrumento de coleta dos dados foi composto por duas partes, à primeira relacionada à caracterização dos profissionais, contendo dados sócio-demográficos (idade, sexo, situação conjugal, filhos e escolaridade, categoria profissional, carga horária de trabalho semanal, presença de outro vínculo empregatício), e a segunda etapa inserido na escala resumida da "*Job Stress Scale*" após sua adaptação para o português previamente testado e validado por Alves (2004). O questionário auto-aplicável foi inserido na escala

resumida da "*Job Stress Scale*" após sua adaptação para o português previamente testado e validado por Alves (2004). Trata-se de uma escala do tipo Likert de quatro pontos, variando de frequentemente (4) a nunca (1) para a escala de demanda e controle, e de concordo totalmente (4) a discordo totalmente (1) para a escala de apoio social.

Os dados coletados foram transcritos no instrumento de coleta e a seguir foram codificados, tabulados e as variáveis foram classificadas em subcategorias e analisadas as suas freqüências absolutas e relativas. Para estes procedimentos utilizou-se o *software* estatístico *STATISTICA* versão 8.0.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A população foi composta por 50 profissionais de enfermagem, sendo que apenas 37 destes profissionais participaram do estudo, 6 não participaram por estarem de atestado, 3 de férias e 3 sem justificativa no momento da pesquisa. Quanto ao gênero dos profissionais entrevistados evidenciou-se que 29 (78,3%) dos profissionais eram do sexo feminino e 8 (21,6%) do sexo masculino.

Em estudo realizado por Miranda (2004), verificou-se que o motivo de ser constituída essencialmente por mulheres é que a enfermagem traz em sua trajetória o cuidado, que estava delegado às mulheres, assumindo, desse modo uma carga grande de preconceito para as pessoas do sexo masculino que optam por essa área.

A motivação para a escolha da enfermagem, que é constituída na sua maioria por mulheres, poderia estar condicionada a aspectos culturais, que prescrevem as atividades de cuidar como responsabilidade feminina, interligadas desde cedo na vida (WALDOW, 2001).

Com relação à idade o mais jovem tinha 23 anos, o mais velho 52 anos, a média de idade foi de 31,6 anos com desvio padrão de 7,5 anos, no qual houve predominância de adultos jovens com faixa etária de 21 a 30 anos, totalizando 20 sujeitos (54,0%).

Com relação ao estado civil, 15 (40,5%) são casados. Esta informação infere que indivíduos casados tende a executar atividades laborais e domésticas em uma associação de tarefas que pode resultar em cansaço e estresse, sendo assim os solteiros apresentam uma menor preocupação com atividades domésticas o que pode auxiliar em seu trabalho (SANTOS, 2003).

Quanto ao número de vínculo empregarício 27 (72,9%) relataram ter um vínculo e 10 (27%) dois vínculos. O turno mais prevalente de trabalho observado foi o matutino com 15 (40,5%) casos seguido do período noturno com 12 (32,4%) casos e o restante para o período vespertino com 10 (27%). A maior parte dos trabalhadores não tinham filhos (51,3%) enquanto os que possíam um ou dois filhos foram 18 profissionais (48,6%).

Quanto à categoria profissional, a maioria foram técnicos de enfermagem sendo apenas 13,5% de enfermeiros. Este resultado é esperado, uma vez que a categoria de técnico de enfermagem constitui o maior número de sujeitos da pesquisa, explicitando, também, que compõem a maioria das 37 pessoas desta equipe, trabalhando atualmente, nesta UTI. Para a quantidade de leitos 24 na UTI, o dimensionamento de pessoal deve ser composto por 56% de enfermeiros, distribuídos em quatro equipes de trabalho e 44% de técnicos de enfermagem conforme as leis do (COFEN, 2004).

Em relação aos itens que avaliam a dimensão demanda como tempo e velocidade constata-se que 19 (51,3%) afirmam realizar tarefas de trabalho com rapidez às vezes e 18 (48,6%) as realizam freqüentemente. Já nas questões quando abordados se o trabalho exige de mais do profissional e se há tempo suficiente para cumprir todas as tarefas 18 (48,6%) consideram que às vezes exige de mais e 24 (65,8%) responderam que freqüentemente há tempo suficiente para cumprir todas as tarefas.

Quanto ao uso de desenvolvimento de habilidades os resultados são: 31 (83,7%) aprendem coisas novas freqüentemente e 30 (81,0%) admitem que o trabalho exige

habilidade e conhecimento especializado adequado para desenvolver suas tarefas, mantendo assim a qualidade do serviço.

Tabela 1: Distribuição das variáveis relacionados à dimensão apoio social dos profissionais de enfermagem da Unidade de Terapia Intensiva, Maringá – PR 2010.

VARIÁVEIS JOB ESTRESSE SCALE	Nº	%
Trabalha em um ambiente calmo e agradável		
Concordo totalmente	20	54,0
Concordo mais que discordo	14	37,8
Discordo mais que concordo	1	2,6
Discordo totalmente	2	5,4
Possui relacionamento interpessoal		
Concordo totalmente	18	48,6
Concordo mais que discordo	16	43,2
Discordo mais que concordo	2	5,4
Discordo totalmente	1	2,7
Há o apoio dos colegas de trabalho		
Concordo totalmente	20	54,0
Concordo mais que discordo	12	32,4
Discordo mais que concordo	4	10,8
Discordo totalmente	1	2,6
Compreensão dos colegas de trabalho		
Concordo totalmente	12	32,4
Concordo mais que discordo	16	43,2
Discordo mais que concordo	6	16,2
Discordo totalmente	3	8,1
Relacionamento com supervisor		
Concordo totalmente	30	81,0
Concordo mais que discordo	7	18,9
Discordo mais que concordo	-	-
Discordo totalmente	-	-
Profissional gosta da equipe de trabalho		
Concordo totalmente	31	83,7
Concordo mais que discordo	6	16,2
Discordo mais que concordo	-	-
Discordo totalmente	-	-
TOTAL	**37**	**100%**

Constatou-se que 20 (54,0%) dos profissionais concordam totalmente que a referida unidade possui um ambiente calmo e agradável, e apenas 1 (2,6%) discorda mais que concorda. (Tabela 4)

Em relação aos dados obtidos sobre o relacionamento interpessoal observou-se que 18 (48,6%) dos profissionais concorda totalmente e 1 (2,7%) discorda totalmente. A importância do relacionamento do pessoal favorece o auto desenvolvimento da equipe levando-a a ter uma maior satisfação no trabalho, melhorando assim, sua produtividade (PEREIRA, 2007).

Dos entrevistados 7 (18,9%) não concordam totalmente que tem um bom relacionamento com a chefia. Para Shimizu e ciampone (2004), mesmo num setor onde existe maior número de enfermeiras assistenciais, essas profissionais não estão suficientemente próximas aos pacientes.

Conforme Haddad (2000), para um bom relacionamento entre chefia e subordinado, o importante é uma boa comunicação e parceria no trabalho, pois quando o trabalhador é ouvido e respeitado pelos seus superiores, o profissional realiza suas tarefas com mais envolvimento e responsabilidade, aumentando a produtividade e qualidade do serviço.

4 CONCLUSÃO

A pesquisa realizada mostrou que com relação à dimensão demanda como tempo e velocidade para desenvolver as atividades, o estresse esta presente na atuação dos profissionais, sendo apresentado alta exigência do trabalho como foi relatado: trabalhar intensamente, alta cobrança e atividades monótonas o que pode ocasionar problemas de saúde físicos e mentais repercutindo na assistência proporcionada ao paciente.

Apesar dos profissionais conviver com estresse, trabalhar intensamente e realizar sempre as mesmas tarefas prevalece entre eles, bom relacionamento e interação com a equipe. O que reflete intensamente na satisfação e entusiasmo para realizar seu trabalho e atender as necessidades do paciente.

Consideramos que os resultados apresentados pelos enfermeiros deste estudo, de acordo com o modelo de estresse ocupacional estudado encontram-se no quadrante de trabalhadores ativos, classificados como grupo de exposição ao estresse ocupacional. Esse aspecto pode ser justificado, pois o grau de controle pode indicar uma medida de autonomia, da liberdade para o uso de habilidades, compensando os efeitos negativos provenientes das altas demandas psicológicas.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, N. M. G. *Vivência do enfermeiro no cuidado humano na unidade de terapia intensiva adulto* [Dissertação]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Curso de Enfermagem. Departamento de Enfermagem, 2007.

ALVES, M. G. M.; CHOR, D.; FAERSTEIN, E.; LOPES, C.; WERNECK, G. L. Versão resumida da “job stress scale” adaptação para o português. Revista Saúde Pública, 2004.

BARDIN, N. P.; SECCO, I. E. F. Estressores no trabalho dos enfermeiros de uma unidade de terapia intensiva. Texto contexto enfermagem. São Paulo, mar;jun, 2008.

BATISTA, K. M.; BIANCHI, E. R. F. Estresse do enfermeiro e unidade de emergência. Revista Latino Americana de Enfermagem. Vol. 14. N.4 p. 534-9, 2006.

BIANCHI, E. R. F. Estresse em enfermagem: análise da atuação do enfermeiro do centro cirúrgico. Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CORONETTI, A.; NASCIMENTO, E. R. P.; BARRA, D. C. C.; MARTINS, J. J. O estresse da equipe de enfermagem na unidade de terapia intensiva: O enfermeiro como mediador. Arquivos Catarinenses de Medicinal. Vol. 35. N. 4, 2006.

Conselho Federal de Enfermagem [Internet]. Brasília:Conselho Federal de Enfermagem. Resolução COFEN n° 293/2004. Disponível em: http:/www.portalcofen.com.br/2007/matérias.asp. Acesso em 12 de Outubro 2010.

FERRAREZE, M.. V. G.; FERREIRA, V.; CARVALHO, M. P. Percepção do estresse entre enfermeiros que atuam em Unidade de Terapia Intensiva. Acta Paulista de Enfermagem, Vol. 19, n. 03. São Paulo, Jul/set, 2006.

GAIDZINSKI, R. R. Diagnóstico de enfermagem na prática clínica. Porto Alegre:Artmed, 2008.

GOMES, G. C.; FILHO, W. D. L.; ERDMANN, A. L. O sofrimento psíquico em trabalhadores de UTI interferindo no seu modo de viver a enfermagem. Revista de Enfermagem, 2006.